

# Índice

9	Nota introdutória à Coleção
11	Prefácio
15	Nota do <i>encenaturgo</i>
	<i>Oxímoro, entre Solstícios e Equinócios</i>
23	Testemunhos 1
29	Bipolarismo
39	Para sempre
49	Árvore 1
55	O dia seguinte
67	Árvore 2
75	Telefonema
85	Árvore 3
89	Pessoa de referência
101	Entrevista
107	Árvore 4
115	Testemunhos 2
121	Posfácio



## Nota introdutória à Coleção

A Coleção Marionet é um espaço editorial de peças de teatro produzidas pela companhia com o mesmo nome. Na altura em que se inicia este projeto editorial, esta conta já com um percurso de 24 anos, mais de 50 produções teatrais originais e um avultado número de textos da sua autoria, escritos propositadamente para serem por si levados a cena.

Com esta Coleção, pretende-se, sobretudo, contribuir para alguma permanência da arte efémera que é o teatro e, em particular, do trabalho criativo desta companhia que, quase desde a sua génese, se empenha em cruzar teatro e ciência(s). Quer-se, então, dar um corpo permanente às palavras que voaram nos muitos palcos que a Marionet pisou.

A Coleção começa com uma série de textos recentes que se enquadram tematicamente no campo das Ciências da Saúde. Todos eles, assim como os espetáculos a que pertenceram, tiveram por base, na sua criação, entrevistas realizadas a doentes e profissionais de saúde.

*Oxímoro, entre Solstícios e Equinócios*, o texto escolhido para inaugurar esta série, aborda o tema da doença bipolar e integrou o espetáculo homónimo, estreado em 20 de março de 2024, na *Blackbox* do Convento São Francisco, em Coimbra.

## Prefácio

Dizia Shakespeare que o mundo é um palco e a vida equiparável a uma peça de teatro. Seguramente que desempenhamos papéis que variam no tempo e na circunstância do que vamos vivendo. Do que nos acontece, digamos assim. E desse vasto leque de aventuras e desventuras acontece, tantas vezes, padecermos de sofrimentos vários. De amor, desilusão, injustiça. Ansiedade, tristeza, desalento, desespero, tantas vezes escrito, cantado, pintado. Mas, por vezes — felizmente que apenas por vezes —, uma doença mental escolhe algum de nós. Porque sim.

Têm nomes que reconhecemos à distância, e à distância parecem sombrias e ameaçadoras. Esquizofrenia. Doença bipolar. Distinguem-se pela forma como limitam a liberdade de quem delas sofre, pela incapacidade que uma patologia sempre representa, mas também pela imposição de certos papéis que lhe são impostos. O papel de incapaz. O papel de louco. Que é como quem diz: o estigma que resulta do medo, que nasce do não saber.

Esta peça fala de doença bipolar. Quer dizer: fala da vida quando a vida traz uma doença dessas. E fá-lo com todo o respeito. Não por escolher cuidadosamente as palavras, por declinar quaisquer convenções tidas por adequadas, mas por olhar para a doença de frente, com as coisas feias e as coisas tristes e as coisas como elas são. Não tem medo de brincar

com o que também é trágico. Não troca a subtileza pela simpatia, a ambiguidade pelo linear. E, nela, todos são personagens — médicos, doentes, familiares, amigos. Todos são parte, porque a parte somos todos nós também.

Assim é esta peça. Alegre e triste, iluminando e dando forma a um tema de contornos sempre difíceis de definir, sem nunca abandonar o estado etéreo do teatro. Que todos os que a leiam ou a que a ela assistam fiquem mais livres — os que caminham com a doença, pela afirmação de que podem escolher os seus papéis apesar dela; e os que, não a tendo, podem melhor sacudir dos ombros o peso da dúvida e da distância que os possam separar, ainda, de um amigo, familiar ou conhecido que sofra de doença bipolar.

*Tiago Santos*

Psiquiatra

Coordenador Regional  
de Saúde Mental do Centro

## Nota do *encenaturgo*

A criação do espetáculo *Oxímoro, entre Solstícios e Equinócios* foi ancorada numa série de entrevistas realizadas a doentes e seus familiares, bem como a profissionais de saúde que vivem e convivem com a doença bipolar. Foi a partir desse processo de escuta — e dos testemunhos daí resultantes — que começámos a construir os universos ficcionais que compõem a maioria do texto da peça. Digo a maioria porque, a determinada altura, senti, enquanto responsável pela escrita, existirem ideias, acontecimentos, sensações, experiências e sentimentos que não conseguiria exprimir melhor do que os testemunhos recolhidos. Por essa razão, parte do texto compõe-se de excertos transcritos das entrevistas realizadas.

O texto desta peça foi escrito durante o período de ensaios, tendo beneficiado enormemente da pesquisa e das discussões realizadas com a equipa do espetáculo. Este é um processo de criação que traz algumas vantagens: o texto reflete visões múltiplas sobre os assuntos abordados; as personagens tiram partido das características das/dos intérpretes; e as falas são testadas em ensaio e aperfeiçoadas. Nunca é demais assinalar a importância destas discussões e das ideias partilhadas durante os ensaios por toda a equipa. Afinal, essa partilha fica refletida na coerência e abertura do texto final.

Algo que venho fazendo recentemente, quando no papel de dramaturgo, é escrever as falas nos diálogos sem indicar

quem as profere e assim entregar o texto a quem o vai interpretar. Agrada-me a procura das falas das personagens a que obriga, testando e abrindo novas possibilidades de enunciação dos diálogos. É frequente determinadas falas serem ditas por personagens diferentes daquelas que eu tinha inicialmente imaginado. Este expandir de possibilidades de interpretação, neste primeiro trabalho dos atores e atrizes, enriquece o texto, criando circunstâncias que não tinham por mim sido ponderadas.

Neste trabalho, acumulei a escrita do texto com a encenação. Esta última, no modo como a pratico, assume a característica fundamental do teatro enquanto arte coletiva e, como tal, deixa espaço, bebendo muitíssimo das contribuições de toda a gente envolvida na criação — desde intérpretes a responsáveis pela imagem, cenografia, figurinos, iluminação, vídeo, banda sonora, produção e comunicação.

Embora nem sempre seja fácil, procuro separar o dramaturgo do encenador, trabalhando o texto, quando nesta segunda função, como material maleável, aberto a transformações que sirvam o espetáculo. A forma final de *Oxímoro* é disso exemplo. Compõe-se de uma sequência de cenas que, durante o processo de criação, nos pareceu adequada. Nada impedirá, naturalmente, uma outra encenação de organizar os segmentos de texto — uns mais, outros menos independentes entre si — de modo diverso. É essa maleabilidade, que explorámos ao construir o espetáculo, que agora deixamos no texto escrito.

A relevância social e a proximidade que sentimos existir entre os assuntos que abordamos e as vidas de quem assiste

à peça influenciaram a organização espacial do espetáculo, particularmente na ligação e relação que se estabelece entre o público e a cena. A encenação procurou envolver numa reflexão comum as pessoas que participam em cada apresentação da peça, sublinhando deste modo a ideia de que, nestes como noutros assuntos, há uma responsabilidade partilhada.